

LITERATURA
MÍNIMA

ROBERTSON FRIZERO(ORG.)

Microcontos paternos



uma antologia dos autores do
LITERATURA MÍNIMA

ROBERTSON FRIZERO(ORG.)

Microcontos paternos

uma antologia dos autores do
LITERATURA MÍNIMA

Para todos os pais - os verdadeiros pais.

“Creio que somos formados a partir do que nossos pais nos ensinam naqueles raros momentos em que eles não estão tentando nos ensinar nada. Somos formados por esses pequenos retalhos de sabedoria”.

Umberto Eco

Índice

Apresentação	07
A carta [Gutenberg Löwe]	09
A escolha de meu pai [Doralino Souza]	10
A espera [Renata Lima]	11
Amito de ferro [Guilherme Balarin]	12
Amor em dobro [Lucimar Vieira]	13
Aniversário [Robertson Frizero]	14
Aniversário do pai [Ana Mello]	15
A palavra "Pai" [Robertson Frizero]	16
Blindagem [Maria Neta]	17
Condecoração [Maria Neta]	18
Confissão [Renata Lima]	19
Crises [Andreia Schefer]	20
Cumplicidade [Doralino Souza]	21
Decisão [Brígida De Poli]	22
Des(encontro) [Osana Santos]	23
Dificuldade com as palavras [Janice Nodari]	24
Domingo [Ana Baggioto]	25
Elegia silente [Guilherme Balarin]	26
Empáfia e candura [Doralino Souza]	27
Enganos [Andreia Schefer]	28
Eternidade [Taís Oya]	29
Férias [Misael Pulhes]	30

Formação continuada [Maria Neta]	31
Forte [Robertson Frizero]	32
Frações do tempo [Creusa Alves]	33
Garrafa [Renata Lima]	34
Identidade [Robertson Frizero]	35
Liberdade indesejada [Dedé Ribeiro]	36
Memórias [Brígida De Poli]	37
Mexerico [Lucimar Vieira]	38
Mil machos [Juliana Lino]	39
Minha família [Creusa Alves]	40
Nonno [Robertson Frizero]	41
Novela [Maria Neta]	42
Novidade [Robertson Frizero]	43
O amargo dos domingos [Doralino Souza]	44
O caminho de volta [Guilherme Balarin]	45
O melhor Natal [Robertson Frizero]	46
Oração [Lourenço Moura]	47
O rosto [Maria Neta]	48
Pa(i)drasto [Tatieli Machado]	49
Pai [Sônia Oliveira]	50
Pai de fim de semana [Janice Nodari]	51
Pai honrado [James Deam]	52

Pai ideal [James Deam]	53
Papai [Sônia Oliveira]	54
Passagem de Bastão [Daniel Waismann]	55
Paternidade [Brígida de Poli]	56
Presença [Robertson Frizero]	57
Presente de Natal [Misael Pulhes]	58
Pródigo [Maria Neta]	59
Sempre te amei [Lucimar Vieira]	60
Silêncio [Magda Costa]	61
Silenciosa [Taís Oya]	62
Sobre sementes e filhos [Eraldo Galindo]	63
Super-pai [Robertson Frizero]	64
Tempo ganho, tempo perdido [Guilherme Balarin]	65
Terras [Creusa Alves]	66
Tesouro [Brígida De Poli]	67
Teste [Robertson Frizero]	68
Últimas palavras [Gutenberg Löwe]	69
Um pai [Maria Neta]	70
Vazio [Cláudia Moura]	71
Vulneráveis [Creusa Alves]	72
Vitória [Robertson Frizero]	73

Apresentação

A paternidade vai além dos vínculos biológicos entre um homem e sua prole. Paternidade é sempre escolha.

A mãe cria laços afetivos que nascem no ventre, na entrega de nutrir e carregar dentro de si um novo ser por meses e meses, que se estendem depois na amamentação e nos cuidados com aquele frágil novo humano. Sim, ser mãe é também, em certa medida, uma opção; mesmo com tais vínculos gestacionais, há as que não querem tal papel. Mas o pai não tem nenhuma ligação a não ser a partir da decisão de assumir ou não essa paternidade - e, se escolhe sê-lo, precisa ainda conquistar o amor de seus filhos.

Esta antologia de contos sobre a paternidade é, por conta disso, uma homenagem que foge do usual. Nestas páginas, não encontrará o leitor apenas histórias de pais zelosos e afetivos; encontrará também as páginas de abandono, desatenção, distância e rigidez que muitas vezes lemos - e até vivemos - na vida real. Mas, mesmo essas histórias de paternidade negada ou negligenciada são, em verdade, uma homenagem. Com elas, reverenciamos aqueles homens que escolheram ser pais - algo que deveria ser natural, assumir uma responsabilidade como esta, infelizmente ainda é uma opção a ser incentivada.

Que estas histórias sejam uma celebração da paternidade responsável e consciente. Que mais homens, cada vez mais, sejam pais - e cada vez melhores.

Robertson Frizero

Microcontos Paternos

A carta

Gutenberg Löwe

Quando ela morreu, mostraram o envelope ao velho de mãos calejadas e rosto curtido pelo sol. Quiseram ler, mas acabou recusando.

— Se é pra mim, eu leio.

Demorou um tanto para conseguir. Por fim, decifrou as letras fracas como a saúde da filha: "Sem mágoas, papai. Te amo".

A escolha de meu pai

Doralino Souza

Por vezes, esperei meu pai confessar que não saía pro trabalho. Ao invés disso, ia se deitar nos braços duma bela mulher em algum motel de beira de estrada. Lá, se lambuzava de prazer, dava risadas, recitava versos, dirigia seu carro por estradas intermináveis enquanto ela o acariciava, e era completamente feliz por dias, noites, horas.

Meu pai nunca me confessou isso. Também nunca disse se alguma vez esteve tentado a pegar seu carro e sumir, deixando para trás esposa, filhos, casa, trabalho e, claro, tempos de solidão. Sim! Quantas vezes ele podia ter feito isso, mas não fez.

A espera

Renata Lima

Numa noite, Wagner dirigia seu Gurgel, com um adesivo do Che Guevara. Em outra noite, muitos anos depois, Wagner percebeu que só usava pijamas combinando, e esperava aflito uma resposta em seu celular, do contato “Filha”. Quis jogar videogame, algo que o acalmava noutros tempos, mas desistiu ao lembrar que o console estava enterrado numa caixa na garagem. Pedira que a filha voltasse cedo e não exagerasse na bebida, torcendo para que os olhos não entregassem a palavra “hipócrita”. “Pais não deviam ter passado”, pensou.

Assim que adormeceu, seu celular vibrou. Uma mensagem dizia: “Oi pai, fica tranquilo. Estou voltando para casa”.

Amito de ferro

Guilherme Balarin

Sua rigidez paterna exagerada com a filha seria sua perdição. Enrouparia a nova cruz no quintal, com aquele vestido que ela mais gostava. Afundaria o chão com os joelhos, rezando por perdão. Até a terra batida virar fogo. Assistiria à extensa obliteração da esposa, também fraca pela perda. Ficaria fraco demais para continuar só. Tudo por conta daquele vestido, que julgava deixar o colo da filha à mercê das fuças de moleques endemoniados. A filha ansiava ser aceita no paraíso. “Com este vestido, não vai prestar!” E ela acabaria sucumbindo ao mundo. Mesmo sabendo de tudo aquilo, expulsou-a de casa.

Amor em dobro

Lucimar Vieira

Qualquer tropeço podia ser fatal. O velho corpo cansado movia-se devagar pela sala escura. Sirenes nervosas soavam. Lembrou que a vida corria rápido lá fora. Pensamentos voltavam; lá, ele não queria estar. As lembranças insistiam sempre em retornar.

A filha observa-o, na sua inércia. Longe... No silêncio profundo, deslizava uma lágrima.

— Ele foi um bom pai. Amor em dobro. Nunca entendi por que mamãe o deixou. Ele ainda a espera. Ele nunca a esqueceu. Talvez o amor seja terreno árido, inabitável ou perda de tempo. - Ela falou para si mesma.

— Não. O amor é o melhor tempo perdido.
— O pai surpreendeu-a, respondendo lá de sua ausência.

Aniversário

Robertson Frizero

Vicentinho tremia ao ouvir a ameaça:

— Quando o teu pai chegar, você vai se ver com ele! — A mãe amedrontava-o a cada traquinagem.

Naquele dia, o pai voltou cedo. Não entrou pela frente: deu a volta na casa; do terreiro, gritou "Vicente, passa aqui!".

O filho saiu pela porta dos fundos; olhos arregalados. O pai, gigantesco, esperava-o com as mãos ocultas, solene e misterioso.

— Você tem se portado?

O menino juntou as mãozinhas em oração, temendo a surra, engolindo o choro.

A súplica de Vicentinho foi interrompida pelo latido baixinho do presente surpresa, carinhosamente escondido pelo pai atrás das costas.

Aniversário do pai

Ana Mello

A festa teve que ser no quintal. Colocamos as mesas na rua, cobertas com as toalhas emprestadas, assim como as louças e tudo mais. Apesar da ausência de fartura, todos os amigos estavam lá para comemorar os oitenta anos do “véio”. E os filhos, os netos e bisnetos.

Puxei ele de canto para justificar que não pude oferecer uma festa à altura do que ele certamente merecia. Ele me olhou sorrindo e me ensinou mais uma lição para toda a minha vida:

— Filho, felicidade não tem precisão de luxo.

A palavra "pai"

Robertson Frizero

Ele visitava a filha mensalmente, quando não tinha compromisso. Comprava-lhe balas no aeroporto, brinquedos repetidos. Aproveitava essas viagens para fechar negócios; ela acompanhava, quietinha. Por vezes, elogiava-a:

— Boa menina! Puxou o pai!

À noite, deixava Cecília no prédio da esposa. Sem descer do carro, punha muitas notas de dinheiro na mão da menina; despenteava-a em descuidado cafuné:

— Compre uma coisa bem bonita.

O motorista abria-lhe a porta. Cecília corria para abraçar Guilherme, companheiro da mãe, sempre à sua espera. Quando o carro partia, Guigo jogava Ceci para o alto, gargalhavam; a mãe, da portaria, sorria ao ouvi-la gritar:

— Pára, papai!

Blindagem

Maria Neta

Trinta anos de dor
sublimada em amor
ao resgatar a criança.
Protegê-la, seu fervor!
Porém, o coração,
não se blindava à paixão!
Pela primeira vez, a moça,
ao pai questionou.

Condecoração

Maria Neta

O ex-combatente seguia o filho de longe quando o menino, bem educado, cumpria as obrigações religiosas a cada mês. O velho avô, com o poder do dinheiro, impedira-o de se aproximar do neto. Já lhe bastava ter seduzido a filha, que morrera no parto chamando pelo marido ausente em combate.

O menino cresceu acreditando que o pai o abandonara. Formou-se médico. Atendeu a muitos doentes, curou outros, esteve presente em leitos de morte. Um dos moribundos pediu-lhe um abraço na hora final. Enfraquecido, teve tempo de colocar no bolso do jaleco do filho sua medalha de condecoração.

Confissão

Renata Lima

Você olha seu pai falar, tudo nele o repele. Percebe seus braços retesados, a cabeça declivosa procura sua mãe. Ela está de costas, a fingir que cozinha. Mas você não é frágil como antes.

— Prefiro um filho morto a uma bicha.

Retendo essa imagem, você sorri para a porta.

Crises

Andréia Schefer

Na entrada do quarto do hospital, ela suava frio e sentia o ar lhe faltar. No leito, o pai sorria e respirava com a ajuda de oxigênio. Foi então que ela percebeu que sua crise de pânico não era nada. Respirou fundo e adentrou.

Cumplicidade

Doralino Souza

O velho, ansioso, resmungou. Era o sinal. Esposa e filhas continuavam contra. A enfermeira também. Mas o filho homem, não. Esse enfiou a mão no bolso do paletó e trouxe de lá um maço de Marlboro, acendeu um dos cigarros, entregou ao velho que imediatamente o levou à boca. Depois ele acendeu outro para si.

Ficaram fumando em silêncio. Pai e filho numa perfeita e íntima comunhão. Dane-se o diagnóstico médico, as restrições e todo o resto. Não falaram sobre despedidas nem lamentaram qualquer desatino da vida. Apenas deixaram a fumaça do cigarro sanar a aflição duma ausência já sentida.

Decisão

Brígida De Poli

Acho que não te contei como fiquei sabendo. Eu estava no consultório médico. Abri o celular e li a notícia: "morre em São Paulo"... Foi como levar uma descarga elétrica.

Quando a doutora chamou meu nome, me dei conta que não precisava mais decidir se te contaria ou não sobre a gravidez.

Des(encontro)

Osana Santos

Guardo na memória a imagem dele em nosso primeiro encontro: a camisa surrada, de mangas curtas, por dentro da calça que deixava à mostra a botina de couro cru; o chapéu, desgastado pelo tempo, escondia os poucos cabelos já grisalhos e dava um certo charme, para alguém desprovido de atrativos físicos. A pele e os olhos eram claros e as feições do rosto, bem traçadas.

Trinta e dois anos, resumiram-se num abraço frouxo e pouquíssimas palavras. Não falou de si, nem perguntou de mim.

— Foi bom conhecê-la, filha. — Afirmou ele, despedindo-se.

— Volte sempre, pai.

Nunca mais ele voltou.

Dificuldade com as palavras

Janice Nodari

Era uma pessoa simples, daquelas que passaram pouco tempo nos bancos escolares. Tinha aprendido o suficiente para não ser logrado pelos espertos e o restante a vida ensinara.

Não lera sobre como ser um bom pai. Também não era de muitas palavras, então não dizia aquela frase de comercial de televisão.

Mas os filhos sabiam. E quando as laranjas do pomar estavam maduras, mas tinham sofrido a primeira geada, o pai corria provar as frutas para ver se estavam boas e ninguém teria um piriri.

Era herói à sua maneira e dizia o amor em gestos.

Domingo

Ana Baggioto

Cabeceira vazia. Ninguém tinha o perfume, nem o vinco na calça e a camisa engomada o suficiente para ocupar aquele lugar. Não nesse domingo! Milton engenheiro. Pulso concreto e flexível pois sabia que os filhos se perdem, às vezes, na confusão do caminho. Nos ajudava nas fissuras dos erros e nas dilatações da culpa. Tomamos assento à mesa ajustada na métrica de uma saudade infinita. A panela de feijão (ele adorava) fervia a fome da sua presença. Um dia ele me pediu para eu não ser como ele, não trabalhar tanto. Olhei para aparador ao lado, parecia fotografia, mas era reflexo.

Elegia Silente

Guilherme Balarin

Joaquim arrancou os lírios mortos e colocou no vaso os crisântemos que tinha acabado de comprar. Todo primeiro domingo de cada mês visitava o túmulo. Deixara passar as oportunidades de dizer ao pai que o perdoava. Então pedia, em orações mudas, pelo perdão do pai, onde quer que ele estivesse.

Empáfia e candura

Doralino Souza

André quase esbarrou em Doralice atravessando a rua, os passos firmes na faixa de segurança. Era segunda-feira de manhã. O sol iluminava o neném no colo de Doralice. André observou o guri. A mão ossuda do homem fez um agrado no menino agarrado à mãe. E o guri pareceu gostar daquele ensaio de carinho. Ali estavam os três, perto, quase juntos.

André olhava pro menininho, de fato, existia. Sim! Mas, daí, a inquietação se sobrepôs à candura do instante: vida que clama por pessoas firmes em seus papéis. Nada de lágrimas ou interseções. Somente um tchau com desejos de cuide-se.

Enganos

Andreia Schefer

Impressionada com a semelhança, ela passou a seguir o homem pela rua. A máscara, usada em tempos de pandemia, escondia detalhes do rosto, confundia as aparências. Mesmo assim, ela tinha certeza de que era ele: a postura, os olhos enrugados e os cabelos brancos. O olhar distante em busca de memórias passadas, a ternura do seu tempo de infância. Era ele: não havia como não ser. O homem não percebeu a sombra que o acompanhava. Continuou o seu destino e, mais adiante, vendo-se sozinho, tirou a máscara. Ela parou. Não era o pai que há tanto tempo não via: mais uma vez a saudade lhe pregara uma peça.

Eternidade

Taís Oya

Eu desenhava na terra com um galho seco — era um barco mágico. Ele me levaria à “terra do nunca”. Só que faltava algo para levar comigo e não envelhecer nunca, não sabia ainda o quê. Abaixei-me na tentativa de acrescentar algum detalhe. Forcei, o galho quebrou e estragou o barco. Eu chorei.

Logo, papai apareceu e eu contei para onde queria ir. Ele me abraçou e procurou um novo galho. Quando o vi tentando recuperar o barco, quis mais: pedi que desenhasse um barco maior, bem maior, assim caberia o que realmente faltava levar comigo: ele.

Férias

Misael Pulhes

Uma semana depois, Carlinhos ainda contava da praia pra todo mundo. As melhores férias da vida. O mar é gigante. Levantou na sexta-feira cansado. Lembrava mais ou menos de ter acordado à noite por causa de uns gritos. Devia ser um pesadelo. De repente, o menino deu um sorriso largo. A sala estava lotada de malas. Ele correu até o quarto a perguntar pro pai aonde iam. “Não, Carlinhos, não vou pra praia, não. Eu e sua mãe... Eu... Eu já volto”. Carlinhos ficou esperando. Nunca mais foram à praia. Não juntos.

Formação continuada

Maria Neta

Meu pai foi o primeiro orientador educacional que tive. Ele nunca sentou nas cadeiras de uma faculdade, mas adquiriu a competência, da sabedoria da vida. Certa vez, orientando-me nos hábitos de estudo, aconselhou: “Hora de estudar é com o nascer do Sol! A cabeça tá fresquinha”.

Acatei seu ensinamento com adaptações—levantava para ver o Sol nascer e estudar, sentada em um galho de árvore.

Do meu pai ouvi os primeiros contos populares e aprendi a apreciar a natureza, em beleza e fúria, como aquela perigosa cheia do riacho depois da chuva. Suas lições, impressas na minha memória, ainda me formam.

Forte

Robertson Frizero

— O senhor precisa ser forte.

O médico chamara-o em particular. Na recepção, esposa e sogra rezavam o terço.

Seis horas antes, fora o primeiro a ser avisado: no cruzamento, a filha ciclista fora atropelada; atravessara no sinal verde, pedestres testemunharam.

O cirurgião confidenciou-lhe:

— Não quis falar na frente delas. O senhor poderá prepará-las melhor.

A filha perdera massa encefálica. Se sobrevivesse, teria graves sequelas, talvez um coma eterno.

Ele ensinara-a a andar de bicicleta. Viu seus primeiros passos. Festejou a gravidez. Deu-lhe nome de flor...

Tentou ser forte. Mas o coração, habitado pela filha única, não obedeceu as recomendações médicas.

Frações do tempo

Creusa Alves

"Querida, sente-se aqui e me faça um cafuné", pedia o pai ao deitar-se na esteira de palha, "você dobra os dedinhos assim, ó, passando-os por toda a cabeça".

"Deixe-me ver sua letra. Hum! Está bonita", afirmou o pai, percebendo o brilho no olhar da filha enquanto olhava seu caderno.

"Por que você está triste? Venha, deixe-me abraçar forte que passa", ela recebia calorosos abraços.

"O senhor me avisou que ia partir um dia", a mulher chorou, depositando, próximo à lápide, as flores favoritas do pai.

Garrafa

Renata Lima

Papai gostava de beber depois do jantar. A garrafa voltava ao fundo do armário. Sorrateira, eu entornava um trago, enchia-a com água. Se não errasse a dose, jamais seria descoberta.

Identidade

Robertson Frizero

Aula de Biologia — deveríamos anotar os tipos sanguíneos de nossos pais. Na aula seguinte, faríamos um autoteste. Uma lição prática: confirmar como nossa tipagem é hereditária.

Minha combinação mostrou-se impossível.

— Cientistas não erram! — O professor riu; depois, calou-se, assombrado diante do óbvio.

Saí chorando. Queria desmascarar meus pais. No almoço, comi em silêncio. Eles tagarelavam amorosamente. Observei o jeito de meu pai comer, o sorriso de minha mãe, como ela ajeitava o cabelo... Vi-me ali, em cada gesto.

O caderno de Biologia segue guardado. Mamãe morreu sem saber. Papai perdeu a memória antes de ser confrontado com a verdade desimportante.

Liberdade indesejada

Dedé Ribeiro

Aos quinze anos, vieram os pensamentos obscuros. Voltando da escola, imaginava que o pai havia morrido e se sentia livre. Via a si mesmo, jogando videogame on-line madrugada afora. Por vezes dirigia o carro, sem rumo, com colegas aos gritos e risadas. Outras vezes sentava-se à escrivaninha paterna, servia-se de bourbon e gritava que não queria ser perturbado. Os pensamentos desapareciam de repente, quando Léo avistava o pai, varrendo as folhas da calçada, e corria para um abraço. Levou anos para entender que, seguidamente, matar em pensamento, era só um jeito de sobreviver ao aterrador medo de perder alguém.

Memórias

Brígida De Poli

Eu olhava para cima, admirando aquela força. Parecia medir mais de dois metros. Mas, nada nele era assustador. Seus olhos eram claros e serenos. Ele os fechou para sempre quando eu tinha dez anos.

Adulta, descobri no certificado de reservista que meu pai tinha apenas um metro e setenta. Para mim, continuou um gigante.

Mexerico

Lucimar Vieira

Não disse aquilo para ferir ninguém, mas o efeito foi devastador. Éramos velhos amigos; queria descontraír um pouco aquela reunião chata, de família. Ao ver o membro mais novo da casa, disparei:

— Ele é a cara do pai. — Disse em tom brincalhão.

Como nuvem, instalou-se ali um climão. O amigo, cabisbaixo, deu um jeito de sair à francesa. Todos os olhares ali desviavam-se de mim. Sentia-me culpado e envergonhado.

Anos depois, soube que ele nunca mais voltara para casa. Vivia isolado do mundo, como um ermitão. Carrego a culpa, não tive a intenção.

Mas, se a carapuça serviu...

Mil machos

Juliana Lino

Percebi nos trejeitos: a mão que dançava enquanto falava, a voz amolecida, o quadril que balançava demais. Senti raiva, vergonha, decepção, nojo. Passei a ignorá-lo. Rejeitá-lo. Era inevitável.

Um dia ele se aproximou, com a mala na mão e a coragem de mil machos no olhar:

— Pai, preciso te contar uma coisa: eu sou...

— Eu sei. — Interrompi.

Abracei-o, ainda sentindo o garotinho que carreguei desde que nasceu:

— Fique. Eu te amo de qualquer maneira.

Minha família

Creusa Alves

Eu demorei a saber o que era um pai.

Mães, tinham muitas; as que ficavam durante o dia e as que nos ajeitavam nas camas.

— Venha, Mário, conhecer seus novos pais! — ordenou a Madre.

Saí correndo por medo, mas já tinham decidido por mim e fui levado para a nova casa com uma mãe só e o que era o pai, diziam.

Ele brincava comigo um tempão que eu nem sei dizer!

— Vamos almoçar, rapazes! — chamava a mãe.

Ele levantava e estendia a mão para mim.

— Vem, filho! Depois vou te contar histórias.

Comecei a entender muitas coisas que eu nem sabia!

Nonno

Robertson Frizero

para Geraldo Frizero

Ele gostava da nossa algazarra no quintal. Da varanda, ria da criançada brincando com os carrinhos de madeira que ele nos ensinara a fazer. Sorria quando lhe pedíamos a "bênção" na "hora do angelus", ao fim da tarde. Enternecia-se com os menorezinhos pedindo-lhe colo. Como o mais velho, eu tinha o privilégio de frequentar sua oficina, onde ouvíamos óperas italianas ou o mundo nas ondas curtas dos rádios que ele tão bem consertava.

Mas nunca esqueço o dia em que ouvi mamãe comentando com minhas tias, com certo ressentimento:

— Ele dá aos netos o carinho que nós nunca tivemos!...

Novela

Maria Neta

A raiva me envolvia junto com o cobertor, enquanto escutava os sons na nossa pequena cozinha. Meu pai tentava se redimir.

Íamos almoçar fora naquele dia, até eu encantar-me pela boneca caríssima. Não queria perdoá-lo por me negar o presente.

Continuei ouvindo o movimento na cozinha e remoendo a mágoa. Já sentia o cheiro irresistível do meu bolo predileto, brigadeiro com morango, receita dele. Em breve, ele viria para me levar à mesa e eu lhe daria o meu perdão. Por enquanto, esperava, já saboreando o desfecho da minha novela.

“Feliz Aniversário, filha. Te amo!”.

E juntos soprariamos as velinhas.

Novidade

Robertson Frizero

— Tem cinco aninhos. É minha.

A mulher manteve a calma, mas a frase ecoava... Trinta anos de casados, dois filhos adolescentes e sentia não conhecer o próprio esposo.

Constrangido, ele pediu que ao menos fossem conhecer a menina juntos.

Amor à primeira vista. Decidiu deixar o marido ser pai novamente.

O amargo dos domingos

Doralino Souza

O homem enche a xicara outra vez. Saboreia o amargo da bebida, "é desse sabor que são feitos os dias", pensa. "Essa deveria ser a hora dela chegar." A imagem da menina de olhar infinito narrando banalidades da escola, ou promessas nunca alcançadas, aflora. E ele vê a tarde ganhar contornos cinza e rapidamente a escuridão abraçar tudo. Através da vidraça, analisa vultos sombreados lá fora. Nenhum movimento de gente. Nem na rua, nem no terreno em torno da casa. Ninguém. Toma o último gole do café. Está amargo e frio. Está igual esse segundo domingo do mês de agosto.

O caminho de volta

Guilherme Balarin

— Pai, você não vem?

— O que?

— Vamos.

— Aonde?

— Pra casa, pai. Lá de cima daquele morro já dá pra ver a chácara.

— E você vai me deixar?

— Não, pai. Ficarei com você. Eu também moro lá, lembra?

— Ah, sim...

— Então. Temos que voltar para o jantar. Hoje teremos tilápia.

— Sim! Eu adoro tilápia.

— Eu sei, pai. Por isso que pescamos...

— Não! Me dá esse peixe! Devolve ela para o lago!

— Calma, pai. Tá tudo bem. Me abraça. Olha que peixão! Faz tempo que não comemos uma tilápia parruda assim.

— Verdade, adoro tilápia.

— Então!

— Vai me deixar, filho?

— Nunca mais, pai...

O melhor Natal

Robertson Frizero

Com nove anos, eu entendia tudo. Não tínhamos muito. Respondi, então, convicto:

— Nada, pai.

Ele engoliu em seco. Tive medo: magoei-o? Mas como eu poderia pedir qualquer coisa?

O ano fora de vacas magras. Lembro da ceia modesta, da prece sentida. Agradecemos e pedimos dias melhores.

Na manhã seguinte, sob a árvore decorada, muitos embrulhos. Meu pai observara-me brincando com outras crianças ao longo do ano e revirara o comércio para conseguir cada brinquedo que me dera alegria. Nada ali era novidade, nenhum era caro. Mas tinham a voz silenciosa do meu pai dizendo: "Você é importante. Eu vejo você".

Oração

Lourenço Moura

Faltava regaço. Pietá tem o filho pousado sobre ele e os olhos aos céus, Dmytro não terá regaço, só olhos do pai e a mão na dele. O pai que chegara correndo na fútil esperança da oração, E se o tempo voltar na força de tanto querer? E se eu o acolher no regaço ainda vivo e morrer por ele?

Não voltou. Não houve regaço, só a oração, e com ela a certeza de que o tempo não cura todas as feridas.

O rosto

Maria Neta

Angelinus escutou a voz vinda da área comum no abrigo. Parou de remoer sua infelicidade e foi ver quem era a mulher que contava o caso na televisão. Dizia que a mãe fugira do marido com ela no ventre e morrendo ao dar a luz, deixara um recado — nunca revelasse o nome materno ou procurasse o pai.

Relembrando as crueldades do passado, ele chegou à frente da televisão e parou perplexo quando viu o rosto da jovem, igual ao único que amara.

Foi então que se descobriu pai. Refeito da surpresa, tomou a decisão. Partiria pela manhã ao encontro da filha.

Pa(i)drasto

Tatieli Machado

O dia dos pais se aproximava. A escola fez, como todos os anos, um momento especial para a ocasião. Poliana subiu ao palco, para a homenagem da turma, já sabendo – o homem, do nome que estava em sua certidão de nascimento, não compareceria. Na realidade, ele não se fazia presente em sua vida já a algum tempo. Ela nem se incomodava mais. Sentado na primeira fileira, vendo-a dançar, estava quem realmente importava – o novo marido de sua mãe, a quem ela agora chamava de pai.

Pai

Sônia Oliveira

Papai foi pai cedo e sonhou ainda ser pai de menino, para demonstrar virilidade, mostrar sua masculinidade. Assim nasceu o primeiro homem. Foi uma felicidade tranquila. Na segunda gravidez de mamãe foi uma menina.

Sim, eu fui a segunda... Ele não esperava que seria tão feliz. Foi descobrindo dia a dia o seu dom de ser pai.

Eu era amável, sorridente carinhosa, respeitosa. Falava muito e pedia que ele me ensinasse a ler, a plantar, a conversar, falava, falava e ele sorria olhando para mim. Ficava encantado, seus olhos brilhavam, passava horas deslumbrado com a afinidade entre nós.

Um dia sentamos na rua, bem no meio fio, ele pegou um graveto riscando o chão. Me ensinando as letras. A primeira letra foi "A":

— "Filha, vamos lá para cima, para baixo e corta".

Eu fiquei encantada... Nunca mais consegui escrever sem sua voz grossa a me guiar os traços.

Pai de fim de semana

Janice Nodari

Após seu trabalho, a mãe arrumou as malas: o antialérgico do marido, o ursinho da caçula, o livro do mais velho. Buscou o carro na revisão e comprou mantimentos para a viagem. Falaria dos seus planos durante o trajeto.

Não conseguiu. Dormiu de babar, exausta.

No resort, preparou o banho da pequena e o lanche do maiorzinho. O marido foi relaxar na piscina; aproveitou para atualizar as fotos do seu perfil. Confirmaria com o chefe o interesse na promoção e a representação no exterior.

Era pai responsável, então a família ficaria.

A mãe engavetava os planos mais uma vez.

Pai honrado

James Deam

A fila da punição tinha hora marcada: no final das tardes.

O crepúsculo era um momento temido pelos cinco filhos de Seu Justino, mas era também o mais apropriado para exercitar a irmandade, pois os garotos sabiam que o deslize de um implicaria o corpo riscado de todos.

Naquela casa, de palavra rara e afeto escasso, só uma lei bastava, a da disciplina da vara.

Nem mesmo a prole crescida abrandou o rigor paterno, a não ser naquela tarde derradeira, em que Seu Justino teria ficado orgulhoso em ver seus filhos engolirem o choro no velório do pai.

Pai ideal

James Deam

Pulei da cama ao ouvir a campainha tocando logo cedo. Não era raiva, mas nostalgia. Lembrei-me daquele som das manhãs de sábado a me avisar que vovô vinha para o almoço. Ele chegava com sua capanga de tecido ordinário, quase sempre vazia, como também eram seus bolsos. E por não esperar balas ou mimos infantis, minha alegria era sua presença, sua forma generosa de ser o pai que eu não tinha.

Eu era criança e aprendia que o amor se esconde nos gestos insuspeitos, como o toque dos dedos calejados numa campainha-coração, que resiste ao tempo e à partida.

Papai

Sônia Oliveira

Ele engraxava seus sapatos até brilhar. Vestia sua camisa esquinada e cheirosa. Exigia de minha mãe que fosse bem passada, no capricho. Eu chorava, tentando chamar sua atenção para mim. Enquanto se arrumava, olhando-se no espelho, lambuzava seus cabelos negros de brilhantina.

Eu já chorava com saudades dele, apertando os olhos. Sabia que ele ia demorar uma ou duas noites deixando uma enorme solidão e vazio em casa. Mamãe passava o tempo andando, sentando, prendia o cabelo em um coque rápido e logo levantava novamente da cama; dizia:

— Vamos nos acalmar, as " primas" cuidam bem dele...

Passagem de bastão

Daniel Waismann

A rouquidão de Leonard Cohen ecoava pela sala, enquanto Sérgio balançava a pequena Emília. Parecia um momento poético, mas os braços dormentes traziam aquele pai à realidade. O sono não a derrubava. Só irritava. “Se o seu avô, que também usava boina, tivesse vivido até os 82, como o poeta, teria testemunhado o seu crescimento”, devaneava na madrugada. Mas ele morreu enquanto Emília estava na barriga, feliz, como Moisés, ao ser avisado de que seu povo chegaria à Terra Prometida, mesmo sem poder pisar ali. “Hineni, hineni, I'm ready, my lord”. Sérgio estava preparado, e com a menina nos braços, sentia-se imortal.

Paternidade

Brígida De Poli

Não disse aquilo para ferir ninguém, mas o efeito foi devastador. Pelo contrário, tive a melhor das intenções quando decidi mentir sobre o resultado.

Abri o laudo do exame de DNA na frente deles. Ambos me olhavam cheios de expectativa.

— Infelizmente, nenhum de vocês é o pai dela, falei sem tremer a voz.

Nunca vi dois homens chorarem tanto.

Presença

Robertson Frizero

Visitava-o diariamente. Não sabia dizer se o velho apreciava. Quanto sonhava com qualquer carinho paterno - a rigidez nunca permitira. Inerte na cama, não seria agora que o pai aprenderia o valor dos pequenos gestos.

O filho despediu-se com um beijo na testa. A resposta surpreendeu-o:

— Volta?

O moço sorriu, recompensado.

Presente de Natal

Misael Pulhes

O homem alto aguardava ansioso. O escrevente terminava de confeccionar o termo. De trás do balcão, surgiram duas mãozinhas que escalavam a parede.

— Quietos, menino. Vão ficar bravo com você.

Impossível. Os funcionários tentavam brincar de longe com o garotinho. Ele percebeu e sorriu. Ficou desinibido. Apontava para os enfeites, o presépio, a árvore...

— Eu vou ganhar...

— Ah é? Ganhar o que, mocinho?

— Presente de Natal!

— O que você vai ganhar?

Ele apontou para o homem alto do seu lado, que assinava o termo.

— Ele vai me dar o nome dele!

Pródigo

maria Neta

Trinta anos de pai!
De único filho,
Que em rebeldia insane,
Um dia partiu.
Perdão, pai!
É tudo o que te peço.
Neste aniversário,
Estou de volta
Ao teu abraço.

Sempre te amei

Lucimar Vieira

Amália desembrolhava os presentes de seu aniversário e chorava.

– Quantos presentes lindos, filha, não está feliz?

– Não, ele não veio.

– Isso não faz a menor diferença na sua vida. O que você esperava? Que ele pousasse de bom pai, depois de tudo que me fez? Criei você sozinha, dei do bom e do melhor. Aquele cafajeste nunca te amou. Nos abandonou pelo um rabo de saia. Você ainda acha pouco?

Amália olhava para os presentes coloridos. Nenhum tinha o formato de um abraço.

Silêncio

Magda Costa

A história dele me comove.

Foi um pai diferente. Emocionalmente ausente mas, fisicamente, presente.

A decisão foi difícil, mas saber que ele aprovava me deu coragem.

No aeroporto, palavras não ditas se fecharam no longo abraço, no choro escondido e na espécie de diário que ele me entregou.

Por dois anos nossa comunicação deixou de ser silêncio e transformou-se em cartas e telefonemas.

O último deles — no meu aniversário. Não era ele, mas a notícia, sim.

Minha vida ficou incastrada naquele abraço!

Demorei para entender o silêncio de papai, mas toda vez que abro o diário, compreendo que tortura faz calar.

Silenciosa

Taís Oya

Na casa silenciosa, andávamos diferente das outras pessoas: sempre na ponta dos pés. Assistíamos televisão como se fosse cinema mudo. Conversávamos por sinais. Éramos mestres em comer sem fazer barulho e segurar o riso quando porventura surgia.

Morávamos três crianças medrosas e um adulto que precisava dormir de dia.

Lembro da única voz que rugia por vezes, os palavrões de uma pessoa irritada que vivia com sono atrasado. Eu desejava ouvir o riso, a música do rádio e da televisão. Desejava a casa vazia de gente, só eu e música e barulho.

Mas fui crescendo, a casa foi esvaziando, e o silêncio foi sendo substituído por ruídos. O problema é que a gente se acostuma com tudo.

Sobre sementes e filhos

Eraldo Galindo

A terra recebe os golpes de enxada do homem de mãos calejadas. Aberta em sulcos, acolhe sementes, sob a promessa da germinação. O homem desafia o calor, a dureza do solo, a aridez da vida. Não se deixa abater pelas intempéries: tem mulher e filhos para criar, proteger da fome, das doenças e das tristezas do mundo. Pouco pode, mas aprendeu a espera das chuvas, da lavoura e dos milagres de Deus. À noite, olha as estrelas, as mesmas que vê a cintilarem nos olhos dos filhos. Rude, não tem palavras doces, apenas o amor silencioso pelos seus.

Super-pai

Robertson Frizero

A mulher juntou-se com o amante. Deixou para trás três filhas pequenas. Vivia perto, mas mal visitava as crianças. Cidade pequena — todos comentavam.

Ele não quis saber mais dela - tinha as gurias para criar. Motorista, ajeitou horários para cuidar das meninas.

A mulher pariu novamente; ele mandou as crianças visitarem o bebê. Aos poucos, o menininho aproximou-se; as meio-irmãs mimavam-no. Em casa, passava fome, ele descobriu.

Assumi o menino. Para isso, virou chapista de madrugada. Entre dois empregos, mal dormia. A cidade descobriu. Nos fins de semana, o trailer fervia. "Para o super-pai", escreveram na caixinha de gorjetas — sempre generosas.

Tempo ganho, tempo perdido

Guilherme Balarin

— Engraçado...

— Amor, você diz isso, mas não o vejo rindo.

— Olha que bebezinho lindo.

— Ainda estou de cara que pari meu marido.

— Para de rir, estou falando sério, pô!

— Eu também! Olha. A sua carinha. É clone!

— Agora que ele está aqui, que o tenho nos braços, queria que ele tivesse nascido há um tempão!

— Amor...

— Mais tempo junto... Virei pai aos quarenta! Se fosse aos trinta, pelo menos...

— Põe ele no berço, vai. Antes que... Pronto! Tá vendo!? Agora eu que tenho que ficar ninando ele um tempão para ele parar de chorar e dormir de novo!

— Desculpa... mamãe.

Terras

Creusa Alves

Venha cedo! Traga o leite ainda morno. Monte o cavalo, pra voltar ligeiro da escola. Cuide dos bichos, quando voltar. Quero você doutor. Administrará minhas terras, quando eu partir. Não seja igual seu pai, que não sabe ler minhas ordens.

Tesouro

Brígida De Poli

A menina espera ansiosa no portão de casa. Brinca um pouco, entra de vez em quando, bebe água, volta para a rua... O tempo parece não passar. Até que ela enxerga ao longe a conhecida figura do homem alto, de chapéu e terno surrado. Ela grita: É ele!

O dia do pai receber a minguada pensão é dia também dela ganhar sua guloseima mensal.

Ainda hoje, já na meia idade, ela guarda como um tesouro os papeizinhos dourados das moedas de chocolate.

Teste

Robertson Frizero

Almoço de família, briga de casal. Diante dos parentes dele, Rute esbravejou:

— Nem sei se Juninho é seu mesmo!

Davi apressara o casamento por conta da gravidez. Era incansável nos cuidados do filho. Todos diziam: o menino era a cara dele aos sete anos...

A suspeita transtornou a todos. A mãe dele não queria mais ver Rute, nem pintada de ouro. O pai forçou Davi a fazer um exame de DNA. "Honra familiar", reforçaram irmãos, tios e primos.

Ele, o avô, foi buscar o resultado. Mãos trêmulas, entregou-o ao interessado.

— Juninho é meu filho! — Davi rasgou o envelope, sem abrir.

Últimas palavras

Gutenberg Löwe

Lia quando a campainha tocou. Atendi e fiquei atônita diante do meu pai. Raiva e medo me atingiram.

— Posso entrar?

Assenti, sua gentileza desarmando-me. Nossa última conversa, dez anos antes, fora só gritos que ainda ecoavam na minha cabeça. Fomos à cozinha.

— Nunca entendi você como mulher — disse ele, envergonhado. — Achava errado, diabólico. Então... me desculpe.

Respirei fundo, sem resposta. Fui salva pelo gongo, literalmente. Tinha mais alguém à porta. Era meu cunhado, mortificado.

— Vanessa não quis dar a notícia pelo telefone...

Corri para dentro. Onde deixara meu pai, restava só o vazio. Minto, também tinha uma semente de perdão.

Um pai

Maria Neta

— Você não tem pai.

A mãe de Mariana sempre repetia, e a menina acreditou.

Depois, percebeu que faltava um nome na sua certidão de nascimento e quis encontrar aquele que lhe negara isso. A mãe foi firme:

— Já disse que você não tem pai.

Adulta, Mariana ficou muito doente e precisou de uma transfusão. Seu tipo sanguíneo raro aumentou a preocupação, até que a mãe conseguiu um doador. Grata, Mariana quis conhecer quem a salvara, mas a mãe não quis acompanhá-la.

No encontro, o desconhecido abraçou-a:

— Finalmente pude conhecê-la, filha! Eu sou seu pai.

Vazio

Cláudia Moura

A viagem parecia calma ao lado dele.
Se não fosse os fatos, tudo seria sonho.
Mas ele não veio, mesmo prometendo que viria.

Nunca mais veio.

Minha mãe disse que era assim mesmo.

Que muita gente fica sem pai, como eu.

Não porque eles morram de verdade.

Mas porque fogem e escondem-se em outras vidas.

Minha mãe conformou-se. Eu nunca.

Vulneráveis

Creusa Alves

Desde o começo da adolescência, Diana sofria com uma gagueira emocional. Era jovem, tinha um filho de cinco anos e muita dificuldade para contar da sua condição precária. No rol das pendengas, encaminhamentos sociais eram preenchidos mais para estampar a miserabilidade social que as sanar.

— Qual é o nome do pai da criança? Aqui só tem o seu nome. — Interrogou a Conselheira Tutelar.

Ela apontou para o seu RG, mostrando o nome do seu pai.

Vitória

Robertson Frizero

Os avós rechaçaram de imediato. Não abençoaram aquele casamento, recusaram-se a aceitar como neta quem nem sangue deles carregava. A família dividiu-se: alguns apoiaram desde o início, com presentes e mensagens de incentivo mês a mês, como se a adoção fosse uma gestação; muitos condenaram a decisão — questionaram a origem da pequena órfã; diziam que os futuros pais não tinham vocação para criar uma menina. "Se fosse vontade de Deus, teriam filhos de forma natural!", riam à boca pequena.

Depois de onze meses, a menina foi entregue nos braços do casal. Felizes, os dois rapazes deram-lhe o único nome possível: Vitória.



Em breve,
nosso primeiro
livro físico.



Peça por e-mail as
nossas antologias
gratuitas:
frizero@live.com





O Clube de Criação Literária é um programa de formação continuada para escritores, com uma intensa programação mensal de oficinas literárias e cursos. É também um coletivo de autores que promove ricas trocas culturais e diversos projetos de produção e divulgação de textos literários - dentre eles o LITERATURA MÍNIMA. Conheça o Clube e suas vantagens, seja um de nossos afiliados;

www.apoia.se/clubedecriacaoliteraria

Este ebook foi produzido pelo projeto Literatura Mínima, cujo objetivo é a divulgação da Literatura Minimalista. O livro tem distribuição gratuita e agradecemos sua distribuição e divulgação.

Conheça o LITERATURA MÍNIMA e registre lá a sua opinião sobre este livro-presente:

 @literaturaminima



Brasil, agosto de 2022.

Todos os direitos reservados aos autores.

Organização, diagramação e revisão:

Robertson Frizero

Contatos: Robertson Frizero [frizero@live.com]

Fonte usada: Finger Paint/Karma Medium